



A Santa Sé

VISITA PASTORAL À REGIÃO DA LOMBARDIA

20-22 DE MAIO DE 1983

SANTA MISSA COM O CLERO, OS RELIGIOSOS E OS SEMINARISTAS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

*Seminário de Venegono
Sábado, 21 de Maio de 1983*

1. Faz-se tarde no céu dos homens e o dia já declina.

Mas o Senhor, acolhendo a premente oração dos discípulos, permanece connosco, para continuar juntamente connosco o caminho da vida, compartilhar as nossas dificuldades, fazer-nos sua herança para sempre e tornar-nos "um só corpo".

Ésta a mensagem, profunda e extraordinariamente actual, das leituras bíblicas há pouco escutadas.

Caros Irmãos — Sacerdotes, Religiosos, Seminaristas — da grande, antiga e ilustre diocese de Milão, que à Igreja deu excelsas figuras de homens de Deus, como Santo Ambrósio e São Carlos, e alguns Romanos Pontífices de não comum estatura!

Sou feliz de me encontrar hoje convosco e dirijo um afectuoso pensamento de saudação a todos e a cada um em particular, a começar do vosso Arcebispo, o Cardeal Martini, e daquele que por tantos anos foi o Pastor, o Cardeal Colombo. Saúdo além disso todos os Bispos presentes como também os seminaristas das outras dioceses da Itália que estão aqui presentes.

Nesta sagrada concelebração, partindo dos textos litúrgicos a nós propostos, quero deter-me convosco sobre uma consideração fundamental: isto é, que o desenvolvimento da comunidade

cristã se baseia na centralidade eucarística e, por consequência, o sacerdote na qualidade de ministro por excelência da Eucaristia, o religioso em virtude da sua consagração, o seminarista por causa da sua escolha voltada para o objectivo do sacerdócio, se querem colaborar para a construção do Povo de Deus, para a qual são chamados, não podem não arraigar no mistério eucarístico toda a própria vida.

2. A Eucaristia, antes de mais, como memorial e expressão do maior e mais verdadeiro amor levado aos homens, é a força do renovamento do mundo contemporâneo.

Hoje, de facto, o mundo, que por vários sinais e a níveis diversos falseou ou perdeu o sentido do pecado, é atingido pelo mal do ódio, que traz consigo inimizade, divisão e violência. Pode-se vencer o ódio só com a força do amor. E como o ódio aparece antigo, por sua vez o amor é sempre novo.

Permanece vivo na nossa mente, porque ainda extraordinariamente actual, o quadro descrito pelo Concílio Vaticano II sobre os homens do mundo contemporâneo. Embora nunca como hoje o género humano tenha tido à disposição tantas riquezas, possibilidades e poder económico, todavia, grande parte dos homens é ainda atormentada pela fome e pela miséria. Enquanto percebe um sentido profundo de liberdade, deve depois acusar a existência de novas formas de escravidão social e psíquica. Fala-se muito de unificação, de solidariedade, de mútua interdependência, e no entanto somos impelidos para direcção oposta. Permanecendo vivos os contrastes políticos, sociais, económicos, raciais e ideológicos, menor não é o perigo de uma guerra total capaz de aniquilar tudo (*Gaudium et spes*, 4).

Caros Irmãos, uma metrópole como Milão é, num certo sentido, espelho da realidade mundial, com os seus extraordinários recursos de bem, mas ao mesmo tempo com as suas profundas e agudas contradições.

Pois bem, este mundo tem necessidade de Jesus, da sua mensagem de amor, da sua presença eucarística, que é factor de salvação e de unidade. Só a mediação de Cristo pode romper a espiral do ódio, da injustiça, da violência, do pecado. Cristo é a nossa riqueza, o nosso sustento, a nossa paz, a nossa verdade, a nossa liberdade. Com Ele, mediante a energia transformadora do seu amor, o coração do homem pode mudar, pode nascer a criatura nova, que não segue a linha do ensinamento vingativo "Olho por olho, dente por dente" (*Mt.* 5, 38), mas aquela evangélica de considerar os outros como filhos do Pai comum, de amar os inimigos, de perdoar sempre sem contar o número dos nossos recursos ao perdão. Só da Palavra de Cristo brota a água capaz de saciar a sede do homem.

3. Por meio da Eucaristia nós encontramos de novo a identidade do nosso ser cristão. Deus amamos, porque Ele é Amor. Nós amamos porque Ele nos amou primeiro (*1 Jo.* 4, 10). O amor reveste importância decisiva no ensinamento de Jesus. Mas o amor do homem por Deus realiza-

se no amor dos homens. "Aquele que ama, conhece a Deus". E "quem não ama a seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê" (1 Jo. 4, 7 e 20).

O amor ao próximo torna-se, deste modo, não só princípio de conhecimento de Deus, mas também regra áurea do amor, modelada na medida mesma do Coração de Cristo. "Este é o meu mandamento: Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei" (Jo. 15, 12). *Como*: é a indicação de uma medida. E Jesus amou-nos até ao ápice do serviço, até ao limite máximo do amor, com a entrega da sua própria vida: isto é, sem medida.

Era necessário, para a nossa salvação, que Cristo se doasse ao Pai em sacrifício. A inimizade e o ódio foram destruídos e aniquilados na sua carne, com o derramamento do seu Sangue na cruz: pois, a darem testemunho não são apenas o Espírito e a água, mas também o Sangue (1 Jo. 4, 7). Assim Jesus é a nossa vítima sacrificial, em rendimento de graças (eucaristia).

Na afirmação paulina de que fomos escolhidos e criados para estarmos no Filho e diante do Pai (Ef. 1, 4), a nossa fé mostra Jesus que nos apresenta e nos oferece. Ele, o Cordeiro, permanece diante de Deus por toda a eternidade, com as suas chagas abertas, tornadas habitação dos crentes que a Ele são incorporados. E o Pai considera-nos na perspectiva do Filho que Se ofereceu por nós em sacrifício.

De maneira que, quando celebramos o mistério eucarístico, que é *mysterium fidei*, anunciamos a morte do Senhor. Por meio da Eucaristia os fiéis, já marcados pelo Baptismo e pela confirmação, não participam numa ceia qualquer, mas recebem aquele que Santo Agostinho chama o nosso "mistério", recebem aquilo que já são, inserindo-se plenamente no Corpo de Cristo. É, esta, a identidade própria do ser cristão, que não está em nós, mas em Deus.

4. O Sacramento eucarístico, que é memorial do Amor, vínculo de caridade, é ao mesmo tempo sinal que produz a união e a comunidade.

Anunciando a morte do Senhor, a ressurreição é ao mesmo tempo prefigurada, porque o Corpo eucarístico é também Corpo glorioso. O corpo de Cristo é sempre o corpo real e pessoal, que viveu, morreu e agora é glorificado. Na Eucaristia renova-se o mistério pascal, que é mistério de dor, de morte e de ressurreição, de Jesus e dos homens. Assim, visto na sua globalidade, o corpo da carne, que se tornou o corpo da glória, une os fiéis a si e entre eles. Assim se constrói a Igreja, organismo vivo em contínuo crescimento.

É por causa da Eucaristia que os membros da comunidade cristã se identificam misticamente com o corpo de Cristo, que é a Igreja, e se tornam uma só coisa entre si.

Por isso todos os sacramentos, como também todos os ministérios eclesiais e as obras de apostolado, estão de modo íntimo unidos à santíssima Eucaristia e a ela ordenados. A Eucaristia

é realmente o coração e o centro do mundo cristão. Nela está contido todo o bem espiritual da Igreja, o próprio Cristo, pão vivo que, mediante a sua Carne vivificada e vivificante no Espírito Santo, dá vida aos homens (*Presbyterorum Ordinis*, 5).

Não é possível formar uma comunidade cristã "a não ser tendo como raiz a celebração da sagrada Eucaristia, a partir da qual, portanto, deve começar toda a educação do espírito comunitário" (*ibid.* 6).

5. É à luz de tais reflexões, desenvolvidas sobre fundamento bíblico e conciliar, que nós podemos e devemos ver o mistério eucarístico como o centro e a raiz da vida do Sacerdote, do Religioso, do Seminarista, quer sob o aspecto da espiritualidade pessoal, quer sob o da missão pastoral.

É o segredo da fonte eucarística que o homem, pelo amor de Deus escolhido de entre os homens, deve encontrar a sua fecundidade, se quer permanecer fiel ao próprio ministério e ir mais rico, para dar, ao meio da comunidade dos irmãos. Centralidade eucarística significa pôr no centro dos nossos pensamentos e das nossas perspectivas não nós mesmos, os nossos programas humanos, mas Ele, vida da nossa vida. De outro modo torna-se um ramo seco, um sino sem ressonância.

Caros Irmãos, a fim de nos tornarmos sempre mais em corpo de Cristo, o Concílio não se cansa de nos recomendar o seguimento de Cristo como o único necessário, a assimilação da sua supereminente ciência, o diálogo quotidiano com Ele, o culto eucarístico pessoal e litúrgico (*Presb. Ord.* 18; *Perf. Carit* 6; *Optat. Tot.* 11).

É o convite a percorrer com decisão o caminho da santidade, porque só assim somos capazes de desempenhar a nossa missão que é a de anunciar Cristo e dar testemunho d'Ele; só assim podemos dar luz e consolação aos homens de hoje, cuja salvação, como para os homens de ontem e de sempre, se encontra unicamente na verdade que se nos tornou conhecida pela divina Revelação.

Confio e espero que este Seminário de Venegono, um dos maiores da Igreja, ideado pelo Cardeal Ferrari e realizado pelo Cardeal Schuster, seja, para os futuros sacerdotes do Senhor, uma escola de Eucaristia.

A Virgem Mãe, que sob a acção do Espírito Santo formou o corpo físico do Salvador e, como Mãe da Igreja, acompanhou a fundação e o desenvolvimento do Corpo Místico, ajude todos os Sacerdotes e Seminaristas a aprenderem em profundidade o segredo da vida do Filho que Se tornou nosso Irmão.

É isto motivo de confiança e de esperança para o próximo futuro da Igreja e do mundo.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana